MISCIGENAÇÃO NEGADA: O SILENCIAMENTO DA FRONTEIRA DE PONTA PORÃ E PEDRO JUAN CABALLERO NA MÍDIA LOCAL

Clarissa Josgrilberg pereira*

Flávio Menezes Santana**

RESUMO: A ideia de fronteira remete à localização territorial e integração cultural, ou seja, é um local de miscigenação, portanto, muito além de uma simples linha divisória. Nessas áreas, as comunidades tornam-se espaços de compartilhamento de relações transfronteiriças, o que, na sociedade globalizada, torna-se ainda mais complexa diante do processo de mediação. Nessa perspectiva, as reflexões acerca do universo da comunicação no âmbito da fronteira, especificamente a respeito de como a cultura é processada na mídia local, é ainda mais urgente. Assim sendo, a presente pesquisa busca analisar como a fronteira é abordada na mídia fronteiriça de Ponta Porã, a partir de um recorte dos quatro sites mais populares do município: Conesul News, Fronteira em foco, Ponta Porã News e Ponta Porã Informa. A análise do conteúdo, baseada nas concepções de Laurence Bardin (1977), trata de uma segunda fase de pesquisas já desenvolvidas sobre fronteira na mídia local. Dentre os resultados encontrados, destacamos que os estudos desenvolvidos continuam atuais e que nenhum conteúdo com a característica buscada foi encontrado.

RÉSUMÉ: L'idée de "frontière" nous fait penser à la localisation territoriale et à l'intégration culturelle, c'est-à-dire qu'il s'agit d'un lieu de métissage ; ce sens va bien au-delà d'une ligne de démarcation. Dans ces espaces, les communautés deviennent des endroits de partage de relations transfrontalières, qui, dans une société globalisée, deviennent encore plus complexes face au processus de médiation. Dans cette perspective, la réflexion sur l'univers de la communication à la frontière, notamment sur la manière dont la culture est traitée dans les médias locaux, est encore plus urgente. Par conséquent, cette recherche veut analyser comment la frontière est abordée dans les médias de Ponta Porã, à partir d'un découpage des quatre sites les plus populaires de la municipalité: Conesul News, Fronteira em foco, Ponta Porã News e Ponta Porã informa. L'analyse de contenu, à partir des conceptions de Laurence Bardin (1977), aborde une seconde phase de recherches déjà menées sur le thème de la frontière dans les médias locaux. Parmi les résultats trouvés, nous soulignons que les études développées se maintiennent actuelles et qu'aucun contenu avec la caractéristique recherchée n'a été trouvé.

PALAVRAS-CHAVE: Fronteira; Mídia Fronteiriça; Ponta Porã; Pedro Juan Caballero.

MOTS-CLÉS : Frontière ; Médias frontalières; Ponta Porã; Pedro Juan Caballero.

INTRODUÇÃO

Muito além de uma simples linha divisória ou da ideia exclusiva de localização territorial, a fronteira é um local de miscigenação, de trocas culturais intensas e de construção de identidades intrínsecas. O crescimento de políticas de integração na América Latina, especificamente com o Mercado Comum do Sul (Mercosul), o avanço da Globalização e dos constantes processos de mediação provocaram a conexão de relações históricas e culturais nas fronteiras, que se configuram como uma nova e complexa realidade.

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p.

Dossiê: Estudos de indigenismo, negritude e miscigenação: o (des)cobrimento, colonização e o agora(?) .

A formação da geografia brasileira, por sua vez, caracterizada por fortes distinções regionais e padrões culturais diversos, influenciou diretamente os fluxos comunicacionais e a maneira como se deu o silenciamento de uma grande parte da população historicamente desassistida. Com a pandemia da Covid-19, seja pela realidade baseada nos protocolos sanitários, pelo acirramento de um cenário de crise ou pelos velhos desafios agora escancarados, surgem ainda mais tensionamentos que instabilizam as instituições e comprometem a integração social.

Torna-se um desafio, portanto, refletir sobre as comunidades fronteiriças – e aqui mencionamos o município de Ponta Porã/MS, recorte deste estudo. Município este que está parcialmente instalado em antigas terras paraguaias e que possui diversidades culturais e singularidades que, por vezes, se interrelacionam e se tornam espaços de compartilhamento de relações transfronteiriças com a cidade de Pedro Juan Caballero, Paraguai, com a qual faz fronteira seca.

Em pesquisas anteriores, Pereira (2013a) apontou que a falta do conteúdo local prejudica e interfere no dia a dia das comunidades locais. Ao analisar a representação cultural da população fronteiriça nos jornais virtuais de Ponta Porã (BR) e Pedro Juan Caballero (PY), constatou-se que a falta de uma abordagem local por parte dos veículos analisados interferiu na falta de uma identidade fronteiriça (PEREIRA, 2013a).

Outro estudo, baseado na análise do perfil dos jornais impressos dos municípios de Ponta Porã e Corumbá (principal ligação com a Bolívia), demonstrou que a mídia fronteiriça brasileira informa de forma condizente aos interesses dos órgãos públicos, com breves relatos de acontecimentos locais, sobretudo no âmbito da política e da polícia, o que contribui para a construção de uma ideia de jornalismo local que não atende a comunidade (PEREIRA, 2013b).

Deste modo, o presente estudo busca voltar os olhares para a mídia dessa região, em especial a web, para verificar se as conclusões postas nos estudos mencionados ainda se mantêm ou se mudaram em alguma perspectiva. Para isso, foram analisadas as publicações do dia 13 de setembro de 2021 dos quatro sites mais populares de Ponta Porã: *Conesul News*, *Fronteira em foco*, *Ponta Porã News* e *Ponta Porã informa*, cujo recorte rendeu um total de 56 publicações.

A partir da análise da capa dos veículos, seguida da navegação nos sites e de um diário de observação, analisamos os conteúdos por localização (locais, regionais, estaduais, nacionais ou internacionais), a fim de identificar se há uma abordagem a respeito da fronteira ou sobre as cidades Ponta Porã/MS e Pedro Juan Caballero. Além da abrangência do conteúdo, verificamos os tipos de editoria e fontes utilizadas (agência, outra mídia, redação, conteúdo assinado, etc.).

Entende-se que o recorte permite identificar indícios de como a fronteira foi abordada nos noticiários fronteiriços, confirmar a premissa de que as comunidades locais continuam silenciadas e que os estudos de Pereira (2013a, 2013b) continuam atuais.

INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p.

Dossiê: **Estudos de indigenismo, negritude e miscigenação: o (des)cobrimento, colonização e o agora(?)**.

Por considerar a escassez de estudos fronteiriços, assim como de políticas específicas para essa região, este estudo busca fortalecer o debate sobre mídia e identidade de fronteira, especificamente na região analisada, e destacar a comunicação enquanto mecanismo de participação e transformação social.

1. PEDRO JUAN CABALLERO E PONTA PORÃ: HISTÓRIA, POLÍTICA E TERRITÓRIO

A cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero é capital do Departamento de Amambai do Paraguai e possui certa representatividade política no país. Do lado oposto, Ponta Porã exerce um papel completamente distinto, pois é apenas um dos 5.570 municípios existentes no Brasil (IBGE, 2020). Nesta localidade há o que popularmente chamam de “fronteira seca”, ou seja, nada separa esses dois países, basta atravessar uma rua das cidades que se passa a pisar no outro país.

Uma importante questão da fronteira com o Paraguai é que ela possui uma origem delicada para os moradores, pois, Ponta Porã, a cidade brasileira, está parcialmente instalada em antigas terras paraguaias, as quais foram conquistadas com a Guerra da Tríplice Aliança, quando “[...] 70% da população do país [paraguaio] morreram na guerra, principalmente de fome e doenças” (NETO, 2004 *apud* CANCIO, 2011, p. 31).

Ponta Porã, assim como quase todas as cidades fronteiriças, foi criada para demarcar território e impedir que países vizinhos tentassem se adonar de terras brasileiras ainda desocupadas. Campestrini e Guimarães (1991, p. 129) explicam que “em 1943, por decreto-lei de 13 de setembro, foi criado o Território Federal de Ponta Porã, entre outros, ao longo das fronteiras do país, diante da necessidade de povoar essas distantes regiões”. O local de que estamos falando pode ser visualizado na imagem abaixo.

Imagem 1. Mapa da fronteira com o Paraguai

Fonte: G1 Economia (2011).

A urgência da demarcação das terras que hoje são pontaporanses estava relacionada às reivindicações feitas, principalmente por Solano López e Carlos Antonio López, ambos

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p.

Dossiê: **Estudos de indigenismo, negritude e miscigenação: o (des)cobrimento, colonização e o agora(?)**.

militares que se envolveram com questões políticas e territoriais de seu país. O primeiro veio a ser presidente vitalício do Paraguai e faleceu na Guerra. Tais reivindicações são esclarecidas por Guimarães (1992, p. 42) ao apontar que “[...] com as questões diplomáticas entre a república do Paraguai e o Império do Brasil, geridas sem que houvesse uma pronta solução para os limites, reclamados pelos Lopez, tudo ocorrendo até 1856, nasceu o território de Ponta Porã [...]”, que passou a ser visto como povoado.

No Brasil, dá-se por consenso que a Guerra do Paraguai se iniciou por um projeto ambicioso de expansão territorial feito por militares paraguaios, os quais tinham como objetivo principal conquistar o acesso à Bacia do Prata para realizar navegações. Para Guimarães (1992, p. 45), “não se pode increpar a Argentina ou o Brasil por essa desgraça porque o primeiro tiro foi desfechado por Lopez, considerando-se, ao final, que as questões de limites podiam ser dirimidas por juízes estrangeiros [...]”.

Por outro lado, Enrique Amayo (1995, p. 264) explica que promover a Guerra não era um mau negócio para os seus países vizinhos,

anotemos de início que o Paraguai, antes da guerra, tinha sido um caso único na América Latina. Seu modelo econômico era a procura do desenvolvimento autônomo a partir de suas próprias forças. Por isso tinha praticado o isolamento e fechado seu mercado ao exterior.

Amayo (1995) explica ainda que enfraquecer o Paraguai economicamente era objetivo dos três países que formavam a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), bem como da Grã-Bretanha, que lucrava em cima de empréstimos realizados para países “do terceiro mundo”. Entretanto, o ensino sobre a Guerra do Paraguai claramente não é feito da mesma forma que no Brasil, conforme aponta o pesquisador paraguaio Aníbal Pozzo (2007, p. 33):

Essa versão dos grandes homens que fazem a história, não somente está presente nos diversos estudos feitos sobre o jornalismo paraguaio, mas também em uma interpretação transversal da historiografia “clássica” do país. Solano Lopez é estudado não somente como um grande “herói” militar e social, como também o homem que teve a visão de editar, em plena guerra, uns jornais gráficos ilustrados como forma de desenvolver e fortalecer a identidade e construir uma determinada visão sobre a guerra.

Em suma, sabemos que ao estudar a perspectiva histórica de cada país teremos diferentes pontos de vistas e diferentes marcos históricos, isso porque, como explica Homi Bhaba (2001, p. 33), “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’”. Portanto, embora existam diferentes “estopins” para o início da Guerra, podemos certamente afirmar que ela foi um marco para essa região.

Pode-se afirmar que a história das cidades e da fronteira dividiu-se em antes e depois da Guerra do Paraguai, o conflito armado mais grave ocorrido na América Latina no período de 1864 a 1870. Os impactos desta guerra foram mais drásticos para o Paraguai, pois grande parte da população, principalmente

masculina, morreu. Após a Guerra, o território paraguaio, segundo Bethell (1995), foi reduzido em 40%. Com isso, inicia-se um novo período de desenvolvimento para o território brasileiro, pois começa a exploração da erva-mate nativa. Ponta Porã surge, então, em 1895 para facilitar o escoamento da produção da erva-mate. Pedro Juan, por sua vez, surge um pouco antes, próximo a uma lagoa onde os carreteiros descansavam (GUETI, 2006, p. 7-8).

Dedicamo-nos a explicar um pouco o cenário da Guerra do Paraguai, pois esse fato foi o principal marco histórico dessa região, uma vez que refletiu na criação dos municípios fronteiriços Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, bem como no relacionamento dessas duas cidades. Conforme explica Banducci Júnior (2011, p.11), nesse local a convivência pacífica não se traduz, entretanto, num convívio fraterno e harmonioso entre os povos paraguaio e brasileiro.

Existe uma rivalidade histórica, que advém do período da Guerra com o Paraguai, em função da qual são disseminadas imagens negativas do Brasil, visto como nação imperialista e usurpadora de territórios, enquanto que seu povo é tido como arrogante e presunçoso. Os brasileiros, por seu lado, nutrem uma imagem do Paraguai como país atrasado, subdesenvolvido, com um povo pouco empreendedor, violento e desleal.

Ao falarmos sobre fronteira e comunicação, são imagens como a descrita acima que podem ser trabalhadas de forma a não separar essas comunidades, mas sim a uni-las, visto que a mídia tem interferência direta na imagem que se tem sobre o “outro”. Na sociedade globalizada, o desafio é ainda maior diante dos diferentes conflitos sociais e culturais provocados pela midiaticização.

2. MÍDIA E FRONTEIRA: O LOCAL DIANTE DO GLOBAL

A mídia tradicional de massa (o rádio, o jornal, a televisão e a internet) ainda é a principal responsável pela circulação de informações de cunho jornalístico que podem apresentar, ou não, traços que representam as potencialidades culturais da fronteira. Por considerar que a comunicação da fronteira exerce influência na representação simbólica da identidade e da cultura dos ocupantes desta localidade, os meios que atendem o local precisam exercer uma prática jornalística de proximidade e de prestação de serviços (OTA, 2006).

As reflexões sobre o universo da comunicação no âmbito da fronteira, especificamente a respeito da cultura de fronteira e como é processada na mídia local, partem de pensar que historicamente a ideia de fronteira é entendida unicamente como uma linha divisória.

General Mattos (1990, p. 5) explica que a fronteira é o “linde que contorna o espaço geográfico de cada Estado, seja terrestre, marítimo ou aéreo”. Entretanto, não se resume apenas a esse limite de linha, já que se trata de uma “[...] área sensível [...] ‘tocam-se fisicamente’ interesses soberanos, valores culturais, línguas e economias diferentes, tornando inevitável uma interpretação que resulta, muitas vezes, num jogo de pressão” (MATTOS, 1990, p. 5).

INTERLETRAS, ISSN N° 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p.

Dossiê: **Estudos de indigenismo, negritude e miscigenação: o (des)cobrimento, colonização e o agora(?)**.

Assim, a instabilidade passa a ser uma característica constantemente associada a esse local. Para Jacques Ancel (1879-1942) (*apud* MATTOS, 1990, p. 40),

[...] as fronteiras: marcos inconsistentes cuja fixidez depende de um equilíbrio. Antigas ou recentes, naturais ou artificiais, vinculadas a um território, consentidas ou arbitrárias, segundo o espírito, a audácia ou a passividade de dois vizinhos, as fronteiras nunca possuíram nem possuem em parte alguma um valor próprio. A noção de segurança – a ordem do dia de todas as conferências – é a transposição para a linguagem diplomática do dinamismo da fronteira. E, o que há mais relativo do que a segurança, precisamente?

Entretanto, essa instabilidade aplica-se à maneira pela qual o Estado vê a fronteira, afinal para quem nela habita, a significação vai muito além da questão da segurança, uma vez que ela passa a ser um ambiente de relações. Esse espaço não é, portanto, apenas uma linha geográfica divisória, é algo muito mais abstruso. Nessa perspectiva, Hissa (2002, p. 35) aponta que “o que deveria ser demarcação perceptível mostra-se espaço de transição, lugar de interpenetrações, campo aberto de interseções. O que foi concebido para ser *preciso* mostra-se *vago*. O que foi concebido para *conter*, transforma o conteúdo em espaço *ilimitado*, incontido”.

Não podemos, portanto, compreender a fronteira apenas como uma linha geográfica divisória, ela é algo muito mais emaranhado. Marcelo Soares (2008, p. 7), esclarece que a fronteira “representa um quadro mais complexo onde, em um espaço demarcado, se misturam questões econômicas, sociais, políticas, geopolíticas, históricas, ambientais, urbanísticas e também comunicacionais”.

Pela mesma perspectiva, Sandra Pesavento (2002, p. 36) aponta que o espaço fronteiriço deve ser interpretado por meio do conceito de fronteiras culturais, pois elas “remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, aos *ethos*, valores, significados contidos nas coisas, palavras gestos, ritos, comportamentos e ideias”.

O campo do jornalismo local, definido pelo conteúdo e pelo espaço geográfico, contribui no debate no que se refere a refletir sobre o compromisso com a cidadania e a satisfação das necessidades comunicacionais das comunidades regionais e locais. Isto é, prezar por uma prática comunicacional socialmente mais comprometida com o local, sobretudo em um cenário globalizado (DORNELLES, 2009; PERUZZO, 2005).

Tal perspectiva parte de questionar a ausência da produção local e regional nos meios de comunicação e propor modificações no âmbito midiático com o objetivo de firmar a valorização do local em vista à potencialização da transmissão das formas de vida, processo decisivo para a sobrevivência das identidades locais. Questiona-se, portanto, não só a presença de veículos de comunicação locais, mas o conteúdo que neles é disseminado e a abordagem que é dada aos interesses da localidade e à participação de seus indivíduos em consideração a sua cultura.

Neste ínterim, há de se considerar que a imprensa carrega marcas da situação geográfica, histórica e político-administrativa de sua localidade o que, conseqüentemente, molda as características editoriais e modos de produção do jornalismo local (DORNELLES; NAZÁRIO, 2019). Cabe aqui, analisar a lógica de interesses dos grupos que estão à frente dos meios de comunicação. Com o desenvolvimento das comunicações no Brasil, principalmente depois da formação das grandes redes de televisão, priorizou-se

[...] a centralização da produção de mensagens nos grandes centros urbanos, de onde passam a ser disseminadas por todo o país. Essa estratégia evolui com a política de “integração nacional” herdada da época da ditadura militar e se desenvolve com o avanço das telecomunicações e das mídias digitais. (PERUZZO, 2005, p. 70).

Embora este problema não seja contemporâneo e nem específico de uma região ou país – e aqui cabe mencionar o paradigmático relatório de MacBride: “Um mundo e muitas vozes” (UNESCO, 1983), responsável por enfatizar o desequilíbrio comunicacional frente à concentração midiática dos fluxos de comunicação pela primeira vez –, a concentração dos grandes meios de comunicação e as desigualdades sociais e tecnológicas é ainda uma realidade no mundo inteiro.

Um processo que, conforme César Ricardo Siqueira Bolaño (2016, p. 25), torna-se ainda mais complexo com o avanço da globalização, onde o controle da tecnologia e do progresso tecnológico é utilizado como recurso estratégico da classe capitalista e industrial, “determinante não apenas da dinâmica estrutural, no plano da concorrência intercapitalista, mas também do poderio econômico e militar dos diferentes estados nacionais em disputa pela hegemonia”.

Para isso, os meios de comunicação podem atuar, aliados às novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), nos diferentes espaços sociais como fornecedores dos conhecimentos locais, através de sua proximidade com a vida social. Na percepção da análise de Dornelles e Nazário (2020), em referência ao estudo das notícias na mídia na fronteira, os jornais e emissoras locais podem atuar como grandes aliados, seja na integração ou no enfrentamento dos problemas de convivência fronteiriça. Observou-se, portanto, que além das mídias digitais, “os portais, sites e blogs jornalísticos favorecem muito mais à integração do que os jornais impressos que circulavam antes da criação da Internet” (DORNELLES; NAZÁRIO, 2020, p. 49).

3. O SILENCIAMENTO DA FRONTEIRA NA MÍDIA LOCAL

Para identificar como e de que forma a fronteira é noticiada em sua localidade, navegamos durante o dia 13 de setembro de 2021 nos quatro principais sites de notícias de Ponta Porã, fronteira com Pedro Juan Caballero. São eles: *Conesul News*, *Ponta Porã News*, *Fronteira em Foco* e *Ponta Informa*. Utilizamos o conteúdo presente nas capas dos webjornais como ponto de partida, aliados ao diário de campo e a uma navegação ativa, cuja busca nos retornou 56 publicações.

No percurso metodológico, inicialmente foram coletados os conteúdos presentes em todas as telas dos webjornais mencionados. Na sequência, a partir do conteúdo presente na primeira tela, buscamos aqueles cujos títulos indicassem questões específicas da fronteira. A análise se baseou na abordagem, fontes utilizadas, gancho jornalístico, dentre outros elementos previamente estabelecidos, não restrito a um dia, mas ao conteúdo de interesse desta pesquisa. Todavia, a análise encerrou-se na primeira etapa, pois não foi possível identificar os conteúdos específicos da localidade a partir da navegação, descrita e sistematizada em diário de observação. Dessa forma, mantivemos a análise nos conteúdos coletados. São eles: 13 no *Conesul News*, oito no *Fronteira em Foco*, nove no *Ponta Porã Informa* e 26 no *Ponta Porã News*; um total de 56 textos analisados.

Como dito, nos baseamos em levantar para uma segunda fase de análise os conteúdos que abordassem a fronteira, especificamente às duas cidades pertencentes a ela. Partimos dos princípios da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) e nas categorizações criadas e testadas nos estudos sobre a localidade anteriormente mencionados (PEREIRA, 2013a, 2013b). Dessa forma, o *corpus* de análise foi submetido às seguintes categorias: abrangência do conteúdo (local, regional, nacional ou internacional); menção ou não à fronteira; menção ou não à Ponta Porã; menção ou não à Pedro Juan Caballero; menção ou não aos termos Brasil, brasileiro, Paraguai, paraguaio e fronteira; editoria e autoria.

No site *Conesul News* temos 13 matérias publicadas, dessas, apenas uma menciona Ponta Porã (conteúdo de serviço que aborda a previsão do tempo) e uma menciona Pedro Juan Caballero (notícia policial sobre briga de galo). Todos os conteúdos publicados são de assessoria de imprensa (Tribunal de Justiça do Estado, Governo do Estado, Agência Brasil, Polícia Militar e Polícia Civil). Com exceção dos dois conteúdos mencionados anteriormente, todos os outros conteúdos possuem enfoque nacional – como a matéria sobre prova de vida do INSS – ou regional – é o caso da matéria sobre a vacinação no estado.

Já o webjornal *Fronteira em Foco* traz oito publicações. Destas, apenas duas abordam Ponta Porã. Uma notícia de assessoria de imprensa da Câmara de Vereadores, a respeito das emendas que foram vetadas, e uma nota sobre uma chamada pública para agricultores familiares se candidatarem à oferta de insumos para uma escola estadual. Neste veículo, em específico, chama a atenção a falta de atualização de conteúdo. As matérias presentes na capa foram publicadas há quatro semanas. O conteúdo mais recente é de quatro dias atrás à data deste recorte, sobre uma fotógrafa do Estado que foi premiada.

O site *Ponta Porã Informa* apresentou nove conteúdos de destaque. Destes, quatro abordam a cidade fronteira pontaporanense; dos outros cinco, um é nacional, dois estaduais e dois regionais. Contudo, dos conteúdos locais apresentados, nenhum faz menção à cidade paraguaia fronteira, um é sobre vagas de emprego e os outros três são da editoria Polícia, que abordam furto, contrabando e tráfico.

O webjornal *Ponta Porã News* foi o que mais apresentou conteúdo publicado: 26 conteúdos jornalísticos. Desses, apenas seis mencionam Ponta Porã, nenhum menciona

Pedro Juan Caballero e nenhum cita a fronteira. A única vez que aparece a palavra fronteira é em uma matéria sobre apreensão de drogas, cuja operação foi feita pela Delegacia Especial de Fronteira (Defron). Dos seis conteúdos que citam a cidade de Porã, um traz vagas de emprego disponíveis e uma previsão do tempo e outro retrata um prêmio que um hospital da cidade recebeu. Os outros três conteúdos são pertencentes à editoria Polícia e trazem conteúdo sobre tráfico, roubo e assassinato.

A única vez que as palavras brasileiro e paraguaio apareceram juntas nos 26 textos públicos pelo *Ponta Porã News*, foi na matéria *Brasileiro morre em confronto com policiais paraguaios*; ainda assim esse conteúdo não diz respeito a localidade estudada. Chama atenção que das 26 publicações deste webjornal apenas seis são assinados e todos eles são pertencentes à editoria Polícia. Dos conteúdos não autorais, as origens são: Agência Brasil, Assessoria de Imprensa do Governo do Estado e outras assessorias como, por exemplo, do banco Sicred.

O cenário encontrado, acima descrito, condiz com os estudos realizados em 2013, no que se refere ao distanciamento dos meios de comunicação com as comunidades fronteiriças. Dos 56 textos analisados, Pedro Juan Caballero não aparece nenhuma vez, o termo Paraguai e paraguaio aparecem duas vezes (uma vez cada) em duas notícias policiais. Já Ponta Porã aparece em 11 conteúdos, desses seis são da editoria Polícia, três são conteúdos de assessoria de imprensa e dois são de previsão de tempo e vaga de emprego.

Tanto os estudos anteriores quanto a presente análise apontam poucos conteúdos que trabalham as cidades fronteiriças, o que reforça a necessidade de refletir sobre a prática jornalística na localidade e a importância da existência de um jornalismo voltado ao conteúdo local. Neste aspecto, entendemos que a mídia continua a transmitir conteúdos de cunhos mais generalizados, o que provoca o silenciamento dos anseios e necessidades das comunidades locais. “Com tanta especificidade local, a comunicação de mão única, homogeneizada e produzida fora desse ambiente não pode contribuir para o desenvolvimento da comunidade fronteiriça.” (PEREIRA, 2013a, p. 16).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do presente estudo, cujo objetivo se baseou em analisar os conteúdos que abordassem a fronteira em quatro sites mais populares de Ponta Porã, constatamos que a mídia fronteiriça continua a disseminar conteúdos generalizados e que não refletem sobre as comunidades locais das cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, conforme já abordado por Pereira (2013a, 2013b). Os conteúdos analisados não abordaram os locais e muito menos eles juntos, e, em sua maioria, são apenas réplicas de assessorias de imprensa. Quase todos focaram em notícias policiais centradas em boletins de ocorrência ou em assessoria das instituições policiais que não contam com entrevistas.

Por este aspecto, evidenciamos a inexistência de conteúdos que auxiliem na representação do local e, fundamentalmente, na construção de uma identidade fronteiriça. Faz-se ainda mais necessário se pensar em veículos de comunicação de cunho local, pautados na manutenção da diversidade cultural e da identidade local e no reconhecimento comunitário.

No que tange à mídia na internet, embora existam quatro veículos locais, podemos afirmar que se a população local depende exclusivamente deles para se informar, se ver representada e construir e reforçar suas identidades, ela, certamente, está abrigada em um dos vários desertos de notícias do Brasil.

Por fim, reafirmamos que na contemporaneidade os meios de comunicação ainda se dirigem a um grande público, anônimo e geograficamente disperso, em um espaço de tempo curto, intermediado pela economia de mercado (BOLAÑOS, 2016), contrários aos propósitos e necessidades de uma população que muitas vezes se encontra inconsciente do seu papel e dos seus direitos fundamentais para a cidadania.

REFERÊNCIAS

AMAYO, E. A Guerra do Paraguai em perspectiva história. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 9, n. 24, ago. 1995.

BANDUCCI JÚNIOR, Á. Turismo e fronteira: integração cultural e tensões identitárias na divisa do Brasil com o Paraguai. **Pasos - Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Santa Cruz de Tenerife, v. 9, n. 3, p. 7-18, mayo, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BHABA, H. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

BOLAÑO, C. R. S. Capitalismo global e crítica da Comunicação: por uma nova teoria da mediação social. **Revista Comunicação Midiática**, v. 11, n. 3, p. 19-32, 2016.

CAMPESTRINI, H; GUIMARÃES, A. V. **História de Mato Grosso do Sul**. Campo Grande: Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, 1991.

CANCIO, M. **Televisão fronteiriça** – TV e telejornalismo na fronteira do Brasil e Paraguai. Campo Grande: UFMS, 2011.

CONESUL NEWS. Disponível em <https://www.conesulnews.com.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2021.

DORNELLES, B.; O futuro do jornal. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 40, p. 63-67, dez. 2009.

INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p.

Dossiê: **Estudos de indigenismo, negritude e miscigenação: o (des)cobrimento, colonização e o agora(?)**.

DORNELLES, B.; NAZÁRIO, R. H. Status relacional fronteiriço em dois jornais da fronteira Brasil-Argentina. **Intercom RBCC**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 37-52, jan./abr. 2020.

FRONTEIRA EM FOCO. Disponível em <https://fronteiraemfocoms.com.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2021.

GUETI, I. B. L. Barreiras urbanas em cidades de fronteira: análise das cidades gêmeas Ponta Porã/BR e Pedro Juan Caballero/PY. ENCONTRO INTERNACIONAL DA ANPHLAC, 7., 2006, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: ANPHLAC, 2006.

GUIMARÃES, A. V. **Mato Grosso do Sul: história dos municípios**. v.1. Campo Grande: Instituto Histórico e Geográfico de Mato Grosso do Sul, 1992.

HISSA, C.A. mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

IBGE divulga estimativa da população dos municípios para 2020. **Agência de Notícias IBGE**, 27 ago. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28668-ibge-divulga-estimativa-da-populacao-dos-municipios-para-2020>. Acesso em: 14 set. 2021.

MATTOS, G. C. de M. **Geopolítica e teoria das fronteiras**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1990.

NAZÁRIO, R. H; DORNELLES, B. C. P. A experiência dos jornais Folha de São Borja (BR) e Unión (AR) como jornais interioranos e fronteiriços. **Revista Brasileira de História da Mídia**, v. 8, n. 2, p. 136-152, jul./dez. 2019.

OTA, D. Produção jornalística na fronteira. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 127-136, jul./dez. 2006.

PEREIRA, C. J. Quando a fronteira é notícia na fronteira: uma análise da representação cultural da população fronteiriça nos principais jornais virtuais de Ponta Porã(BR) e Pedro Juan Caballero (PY). **Revista Interletras**. Dourados, v. 3. n. 17, abril/set. 2013a.

PEREIRA, C. J. **Entre limites e possibilidades: o estudo dos gêneros jornalísticos nas fronteiras de Mato Grosso do Sul**. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2013b.

PERUZZO, C. M. K. Mídia regional e local: aspectos conceituais e tendências. **Comunicação & Sociedade**, São Bernardo do Campo, a. 26, n. 43, p. 67-84, jan./jun. 2005.

PESAVENTO, S. Além das fronteiras. In: MARTINS, M. H (Org). **Fronteiras Culturais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

INTERLETRAS, ISSN Nº 1807-1597. V. 9, Edição número 34. Outubro, 2021/ Março de 2022- p.

Dossiê: **Estudos de indigenismo, negritude e miscigenação: o (des)cobrimento, colonização e o agora(?)**.

PONTA PORÃ NEWS. Disponível em <https://www.pontaporanews.com.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2021.

PONTA PORÃ INFORMA. Disponível em <https://www.pontaporainforma.com.br/>. Acesso em 14 de outubro de 2021.

POZZO, A. O. **Periodismo em Paraguay** – estúdios e interpretaciones. Asunción: Arandurã Editorial, 2007.

SOARES, M. V. C. Telejornalismo de Fronteira: Um estudo de comunicação na fronteira do Brasil com o Paraguai. In: OSÓRIO, A.C.N.; PEREIRA, J.H.V.; OLIVEIRA, T.C.M. (Orgs). **América Platina: textos escolhidos**. Vol. II. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.

UNESCO. **Um mundo e muitas vozes: comunicação e informação na nossa época**. Rio de Janeiro: FGV, 1983.

*Docente efetiva na Universidade Regional de Blumenau (FURB) e chefe da Divisão de Modalidades de Ensino e Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp).

**Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (Umesp) e Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Tiradentes (Unit). É Diretor Financeiro (gestão 2019/2021) da Rede de Estudos e Pesquisa em Folkcomunicação (Rede Folkcom).